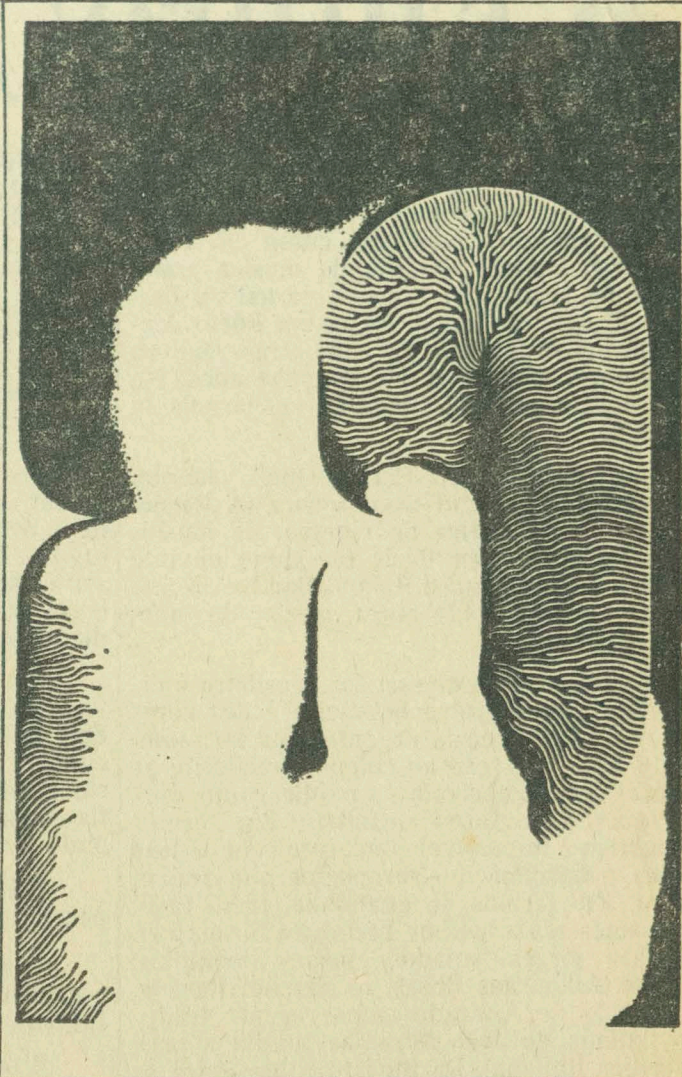
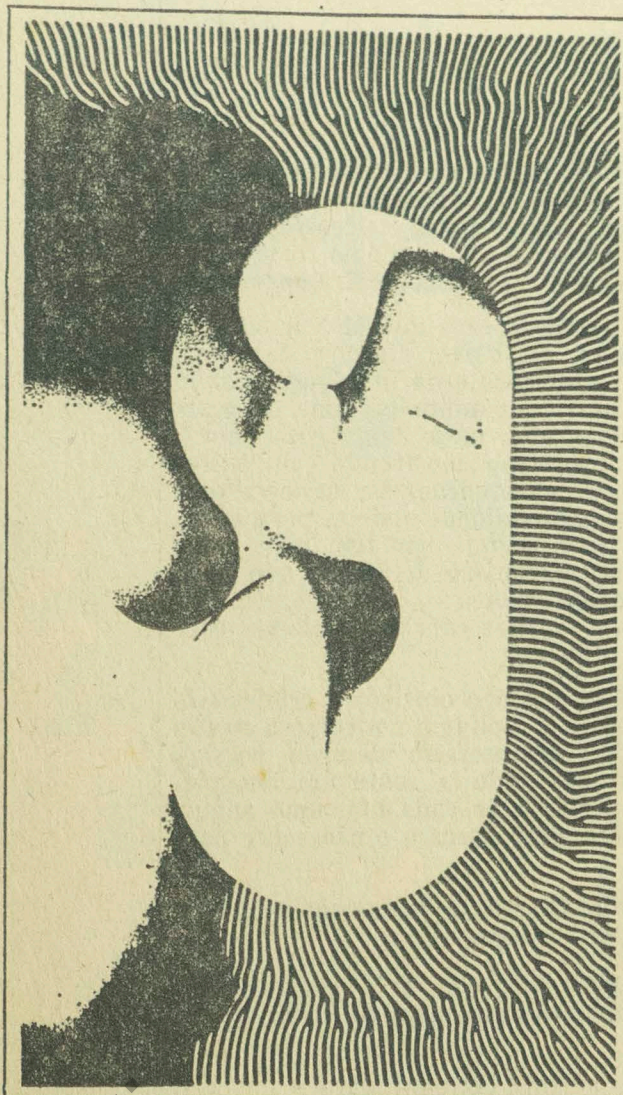


O segredo de 25 anos exposto no MAM

Jayme Maurício



Ivan Serpa voltou, a partir de ontem, a expor no Museu de Arte Moderna do Rio. Não saberíamos dizer tudo quanto já vimos de Serpa, ao longo de 20 anos de convivência, sem recorrer a elementos estatísticos entediantes. Mas podemos dizer que se trata do artista que mais trabalho nos tem dado nestas duas décadas que marcam o nosso conhecimento, e a afirmação mais sólida da sua criação artística, à sombra de uma causa comum: a construção do Museu de Arte Moderna do Rio e tudo o que aconteceu depois.

O primeiro Serpa, de 51, levou-nos, muito principiante ainda, a estudar a reconciliação de três formas elementares: quadrado, triângulo e círculo, concretizando em suas telas o ensinamento de Paul Klee: efeito, causa e suas combinações — ou seja, as tensões das formas elementares e seu conteúdo. Com essa antecipação brasileira do que viria depois, o jovem Serpa obrigava-nos a deixar o êxtase dos mestres figurativos para, aproveitando a mostra de Max Bill e suas instigações para o neo-Bauhaus, chegar ao concretismo e compreender a razão daquele Prêmio da Jovem Pintura que a I Bienal de São Paulo deu a Ivan Serpa, em 1951.

Trabalho

Desde então Ivan Serpa não parou com o seu tenaz trabalho de sapa e suas revoltas sistemáticas contra todos os movimentos, contra tudo o que ele criou e recriou, contra ele mesmo. Aos seus muitos títulos, vamos dar-lhe mais três: o maior não-conformista da sua geração, o maior perfeccionista e o maior proble-

ma para a crítica. Além de uma fecunda e periódica contradição e experimentação, mora longe e só dá acesso à crítica aos domingos. Este artista personaliza, cremos, o princípio kandinskiano de que "toda obra de arte nasce no seu tempo" ou de que, segundo Sandberg, "a grande arte é sempre experimental".

Conhecemos o Serpa recriando paisagismo, relacionamento e tensões geométricas, antecipando o *op-tical*, transformando estruturas, recompondo com terrível sensibilidade disciplinada, pesquisando até o infinito o problema de texturas intimistas em movimento contínuo, reformulando colagens, incursionando com êxito total pelo abstracionismo lírico, a monumentalidade de painéis arquitetônicos; e, num período algo crítico, voltar à abordagem da figuração pelo dramático e pelo fantástico. E, mais recentemente, pelo sensual, demasiado refinado para chegar ao erótico. Nestes 20 anos, esta frágil figura humana realizou a abordagem de todos os problemas de sua época, criando, destruindo e recriando, no que se poderia chamar uma espécie de *escroquerie de l'esprit*, como se diz entre os cartesianos. Mas que, na verdade, é a mais alta inconformidade, insatisfação e investigação que poderão encontrar na geração que sucedeu a Segall, Portinari, Pancetti, Guignard, Tarsila, Di Cavalcanti, Goeldi, Volpi e outros mestres. Quase todos os nossos artistas da geração de Serpa fizeram algumas buscas e logo encontraram sua linguagem definitiva — ou suas fórmulas de agrado pessoal ou público. Alguns renunciaram mesmo ao que de mais sério haviam feito — um problema humano de so-

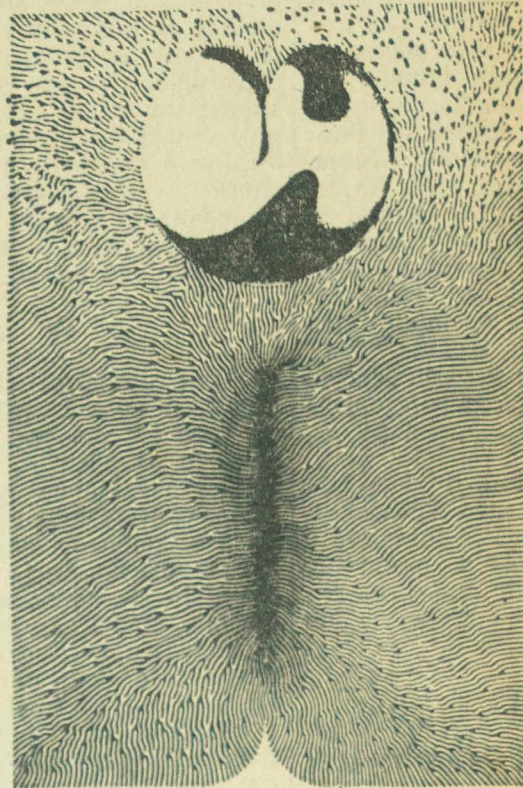
breviência. Outros desapareceram, o que foi muito bom. Serpa, que poderia perfeitamente fazer mercado com qualquer das suas chamadas "fases", um nome inadequado para este consciente trabalhador, laborioso, ordenado e anárquico — no grande sentido do termo —, segue hoje como um destes muitos jovens que "não sabem o que querem, mas sabem muito bem o que não querem".

Pergunta

Então, qual o sentido de reunir 25 anos de desenhos no Museu de Arte Moderna? Não sabemos muito bem. Diz ele que não é retrospectiva — sabe da irritação que nos causa esse tipo de exposição com artistas ainda vivos e em plena produção renovada.

Queremos crer que Ivan Serpa queira uma certa revisão de seu trabalho, para talvez tudo reformular, como sempre — dando, mais uma vez, um sério trabalho à crítica e aos estudiosos dos problemas de arte contemporânea. Ivan Serpa anda um pouco desanimado com o clima artístico brasileiro. Tem sido melhor compreendido no exterior, pelos diretores de museus e críticos que por aqui chegam e levam a sua obra — somos testemunhas disso. Talvez seja uma exposição de despedida do eterno *enfant terrible* da geração dos 50. Arredio, porém, ele encontra, como sempre, uma explicação nada retrospectiva nem acadêmica:

— Vou expor 25 anos de desenhos inéditos. Ninguém os conhece, mesmo os íntimos. Não é retrospectiva, seria antes uma revisão e uma simples exposição do que nunca foi visto.



Ivan Serpa, *enfant terrible* da pintura brasileira (foto). Para ele cada artista tem sua dimensão de tempo e de expressão.